



## Domingo de Ramos e da Paixão (20/03/2005)

O Domingo de Ramos é o Domingo da Paixão. É o começo da Semana Santa, semana de oito dias, que inicia no Domingo da Paixão e culmina no Domingo da Páscoa. Este é o único domingo no ano em que se lê o Evangelho da Paixão de Cristo. Ramos indica que o Rei, que vem na forma de servo, passa pela Paixão da Cruz. Há opções na leitura, mas seria muito bom que a leitura do Evangelho seja da Paixão mesmo que fosse longa. Há várias maneiras de proceder a leitura. Em todos os anos as leituras do Antigo Testamento e da Epístola são as mesmas. Varia apenas a leitura do Evangelho. No Ano A, lê-se o Evangelho de Mateus e no ano B, o Evangelho de Marcos, e, no Ano C, o Evangelho de Lucas.

Primeira leitura (Antigo Testamento)– Isaías 45:21-25 ou 52:13 – 53:12

Os dois textos pertencem ao *“Livrinho da Consolação”* que é a segunda parte do Livro do Profeta Isaías (40-55). Nesta parte da profecia de Isaías se busca preparar o povo para um novo tempo que começa com o fim do sofrimento (do exílio) e a possibilidade real de volta a terra prometida para a construção de uma nova sociedade. A mudança da perspectiva pessimista para a otimista se dá pela ascensão político-militar do rei Ciro da Pérsia que é chamado em Isaías 45:1 de “Messias” ou “Ungido”.

O primeiro texto (45: 21-25) faz parte de um gênero literário de julgamento (processo judicial) comum no Antigo Oriente. Na verdade a passagem, do ponto de vista literário, começa no versículo 20. Os convocados para o julgamento são todos os povos que sofreram durante o domínio babilônico (“vos que escapastes das nações”) e a acusação é contra os que carregam imagens de escultura que não podem salvar.

Antes de avançar para o julgamento em si é bom esclarecer que na época as divindades eram vinculadas ao Estado Nacional. Cada nação tinha uma ou mais divindades principais que concedia o poder aos seus governantes. Ao propor um julgamento cujo júri são os povos oprimidos pela Babilônia colocam no banco dos réus as divindades que sustentavam esse império. Quem será o Deus verdadeiro SENHOR? (v.21)

A intenção desta profecia é mostrar ao povo exilado que os próximos acontecimentos, a saber, a queda da Babilônia e a consolidação do Império Persa seriam a realização da vontade do SENHOR. Isso não era o que o próprio Ciro pensava pois ao tomar Babilônia ele reivindicou ser o verdadeiro adorador de Marduk (divindade nacional babilônica). No entanto esta pregação pouco se importava com a opinião do Rei Persa mas com animar (que nada mais é que consolar) o povo que durante mais de 40 anos tinha sido escravo e, de certa forma, tinha se “acostumado” a esta condição. A tese é que enquanto as divindades feitas de madeira e pedra são destruídas o SENHOR permanece para sempre e sua vitória finalmente será



reconhecida por todos os povos (v.22 -24). Este Deus é o SENHOR de Israel (aparentemente pequeno e abandonado no exílio) que finalmente lhe manifestará sua glória (25). Por isso a profecia chama a atenção para os acontecimentos históricos que sempre foram e serão a "sala de aula" do SENHOR da História.

O segundo texto para este domingo pertence a outro grupo de textos característicos de Isaías 40-55 chamados: "Cantos do Servo Sofredor". Há varias explicações sobre quem seria este "servo sofredor"(52:13). O servo sofredor poderia ser o próprio povo que tendo completado todo seu sofrimento no exílio agora seria redimido ou restaurado. O servo poderia ser também um "messias" (como Ciro) só que escatológico que redimiria finalmente e para sempre o povo de Israel. Mesmo que como cristãos tendamos a ver a segunda possibilidade não se deve descartar a primeira do ponto de vista histórico. Quando se pergunta "Quem creu na nossa pregação"(53:1,Almeida) trata-se claramente do povo exilado. No entanto a partir do versículo 4 muda a direção do discurso e parece ser uma pessoa diferente do povo (como um rei escatológico) capaz de carregar os males, sofrer as dores e finalmente vencer todos os inimigos. Nasce aqui o paradoxo da Cruz que é uma vitória que antes de vencer o sofrimento mergulha total e intensamente nele, coisas que este povo como todos os povos oprimidos entendem muito bem. (Red. Humberto Maiztegui Gonçalves).

### **Epístola: Filipenses 2.5-11**

A Carta aos Filipenses é uma composição de duas ou mais cartas escritas pelo apóstolo à mesma Igreja. Foi Igreja que muito cooperou com S.Paulo e lhe deu muita alegria, mas também lhe deu muita preocupação. Houve conflito interno entre os líderes. Para a reconciliação deles e da Igreja como um todo, o apóstolo recorreu ao próprio significado da realidade de Jesus Cristo. Ele, sendo igual a Deus, não se apegou a esse privilégio, ao contrário, mostrou-se capaz de se humilhar e dar-se a si mesmo. A cruz mostrou essa doação. Deus reconheceu-a e fez do doador o senhor sobre todas as coisas no céu e na terra. Deus trabalha para que cada pessoa venha adorar esse Senhor e confessar o seu Nome e venha participar da construção da comunidade, da morada solidária e acolhedora em amor correspondente ao que Deus fez em Cristo. Em poucas palavras, esse senhorio ou soberania é também uma crítica a todas as formas de senhorio. É bom se lembrar de que, no tempo apostólico, o império que crucificou Jesus aclamava o imperador como Kyrios, Senhor, Deus e Salvador. Esse hino de confissão e louvor tem, também, seu caráter polêmico. Trata-se de proclamar o senhorio do amor doador demonstrado e vivido por Cristo, que evoca a adoração. (Dom Sumio Takatsu)

Santo Evangelho: Mateus 27,1-54

No domingo de Ramos a liturgia recorda a entrada de Jesus em Jerusalém. É, também, o único domingo do ano em que é lido o episódio do julgamento e morte de



Jesus. Fique atento aos diversos detalhes que relacionam esse texto às demais leituras previstas para hoje, principalmente o Salmo 22: o clamor de desamparo (22.1), a zombaria (22.7), o sorteio das vestes (22.18), etc.) e Isaias 53. Em ambos os casos, a Igreja aplica uma hermenêutica cristológica. O pregador tem hoje uma excelente oportunidade para expor e proclamar determinados aspectos da cristologia e soteriologia, tais como o papel substitutivo de Cristo e seu sacrifício expiatório. A título de sugestão homilética, isso pode ser feito destacando três personagens envolvidos no texto: Pilatos, Barrabás e o centurião.

a) Pilatos - Era o interventor romano na Judéia, homem de confiança do Imperador, versado no direito romano. Os anais registram que ele era considerado um homem bom, com alto senso de justiça e que costumava soltar presos a pedido do povo. Sua posição lhe exigia um grande "jogo de cintura": tinha que se dar bem com César e também com o povo judeu dominado. Porém, Pilatos não esperava ter que decidir-se um dia perante Jesus. Ele representa toda pessoa que um dia tem que se decidir perante Jesus. Por mais importante que alguém seja, mesmo que tenha fama de pessoa boa e justa, há um momento em que ninguém pode se esquivar de uma decisão pessoal perante Cristo. Pilatos tinha em suas mãos a possibilidade de soltar Jesus, mas ele também tinha objetivos maiores. Assim, para evitar distúrbios e agradar tanto ao povo como a César, decidiu-se contra Jesus.

b) Barrabás - Não era um ladrão comum. Provavelmente era um zelote, um agitador político, preso por rebelião. Os zelotes promoviam um movimento de guerrilha e resistência e organizavam várias emboscadas contra os romanos. Talvez estivesse preso sob acusação de homicídio. De acordo com o direito romano, era um fora-da-lei, um culpado que merecia a condenação de morte. Porém, naquele dia algo aconteceu. Jesus tomou seu lugar. O inocente no lugar do culpado. Barrabás representa toda a humanidade sob juízo e que só pode ser salva por um substituto para satisfazer a justiça de Deus, tal como o Cordeiro que tomou o lugar de Isaque e tal como o substituto Servo Sofredor que levou sobre si as nossas dores. Jesus, o justo, morreu para que Barrabás, o culpado, vivesse. Se não fosse Jesus, Barrabás teria morrido, sofrendo a pena pela transgressão das leis.

A figura de Barrabás pode ser trabalhada como representativa da humanidade pela qual Jesus morreu. Toda humanidade merece de Deus a condenação, o afastamento eterno, porque, conforme a Bíblia, constantemente desobedecemos a Deus e nos rebelamos contra ele de diversas formas, provocando toda série de males. Nosso destino seria a separação eterna, a morte eterna. Mas, pela misericórdia divina, Cristo tomou nosso lugar. Ele, o justo, o inocente, morreu por nós, injustos e culpados, proporcionando-nos libertação.

c) O centurião - Aquele oficial romano acompanhou tudo de perto: a prisão de Jesus, o processo, as torturas, a crucificação, a agonia e a morte de Cristo. Enquanto Jesus estava na cruz, havia muita gente em volta: mulheres chorando, os soldados organizando a multidão, o povo exercitando seu sadismo e aguardando apenas o último suspiro para se retirar. Mas naquela confusão toda, um homem estava atento a Cristo. Confuso, obedecendo ordens, mas acompanhando tudo. Provavelmente escutou cada uma das sete frases de Cristo na cruz (Pai, perdoa-lhes...", "Senhor, por que me desamparaste...", "Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito..."). No



momento da morte de Cristo, aquele centurião chegou a uma conclusão pessoal: "verdadeiramente este era Filho de Deus". O centurião não conhecia nada das profecias judaicas; era um gentio. Mas foi o primeiro gentio a reconhecer quem era Jesus. Sua confissão corresponde à confissão de Pedro: "tu és o Filho de Deus".

Temos três homens em torno de um sentenciado: Pilatos, Barrabás e o centurião. Cada um deles, de certo modo representa diferentes possibilidades diante de Cristo. Esperamos que nesse domingo da Paixão todos reconheçamos que naquele episódio Barrabás nos representava: ele, o culpado, teve sua vida salva por Cristo, o substituto inocente. E que entre Pilatos, que não teve coragem de decidir-se perante Cristo, e o centurião, tomemos a mesma atitude corajosa do segundo, confessando: "verdadeiramente esse é o Filho de Deus". (Rev. Carlos Eduardo B. Calvani)